

Editorial

O ÔNUS DO
DESEMPREGO

Informações divulgadas na semana passada pela Serasa Experian dão conta de que 56,4 milhões de brasileiros estão inadimplentes, devendo cerca de R\$ 243 bilhões aos bancos e ao comércio. De um ano para outro, o endividamento das pessoas cresceu 16,9%.

Para 73% do público consultado, a situação financeira piorou em relação ao ano passado. As razões são conhecidas, como o aumento do custo de vida, decorrente da inflação em crescimento, e a redução da renda, em consequência da recessão da economia.

Mas outro motivo do aumento da inadimplência é a perda do emprego, cuja taxa só faz crescer, mês a mês. O emprego era a última “pièce de resistance” do governo Dilma, que durante todo o seu primeiro mandato teve nos índices baixos seu principal trunfo.

Todos os artifícios utilizados pelo governo para manter aquecido o consumo das famílias para sustentar a economia levaram a um impasse, cujas consequências estão sendo sentidas agora. O governo ignorou as advertências e, sobretudo, ignorou os fatos.

Quatro em cinco famílias brasileiras, segundo pesquisa dos últimos dias, não têm empregado nenhum de seus membros. O quadro é dramático entre os jovens até 24 anos: a taxa de desemprego é quase duas vezes superior à do total de trabalhadores.

Quem gera emprego são as empresas, mas estas estão sufocadas pelos encargos, como os impostos. Gradativamente, foram deixando de investir. Dispensar mão de obra é seu último recurso, já que contratar, treinar e demitir representam custo para o empresário.

Além de descapitalizar a empresa, o desemprego vai impactar também as despesas do governo, que paga o seguro-desemprego. Na tentativa de recuperar a renda familiar, o trabalhador nessas condições vai pressionar a espiral da taxa de desemprego.

Entre os jovens, a situação é mais trágica ainda, porque o desempregado estará deixando de adquirir uma experiência fundamental para o seu futuro como trabalhador.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra Soares

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Monique Araki

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Política: Ricardo Corrêa
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

A profanação de rituais
fúnebres é imoral e criminosa

Em que mundo vivemos que não podemos velar nossos mortos?

A deferência aos mortos é tradição em todas as culturas conhecidas e estudadas até hoje, e o respeito aos mortos é extensivo à família enlutada. As carpideiras existem em todo o mundo. É exemplar o *quarup* – ritual religioso intertribal dos povos indígenas do Alto Xingu que celebra mortos ilustres.

Há sempre alguém para chorar quem morreu, mesmo que em vida não tenha feito por onde merecer ser pranteado. Por mais desprezível que seja o ser humano, depois de morto recebe lágrimas, ainda que seja um lamento pelo que poderia ter sido e não foi, o que é uma explicação filosófica.

A morte e o morrer são temas instigantes da bioética, a ética da vida, que despertaram a minha atenção para os rituais fúnebres de diferentes povos. O respeito aos mortos é pancultural. Há tréguas em guerras para que os mortos sejam enterrados.

Foi com perplexidade que li sobre a profanação do velório de José Eduardo Dutra, ex-presidente do Partido dos Trabalhadores e da Petrobras – cujo nome não aparece em nenhuma denúncia da empresa! O que torna mais espantosa a chamada do panfleto, jogado na porta do velório: “Petista bom é petista morto!”.

Dois delitos graves: profanação praticada contra um morto e usurpação do direito que tem a família de velar em paz o seu morto! Em que mundo vivemos que não podemos sequer velar nossos mortos? Até animais velam seus mortos!

Em “Morrer é o destino igualitário e inexorável do ser humano”, declarei que “a minha relação com meus mortos é de muita deferência... Compreendo que so-

mos programados para morrer!” (O TEMPO, 4.11.2014).

Na cultura nordestina, a gente se despede de pessoas conhecidas que morrem indo à sentinela (velório) e/ou ao enterro, como uma obrigação moral natural, tanto é que velórios e enterros são “pontos de encontro”, sobretudo no sertão. Aprendi a respeitar a morte e os mortos desde tenra idade.

Meu primeiro marido dizia que eu tinha muito medo de não ter gente em meu velório porque eu ia a muitos, sobretudo acompanhando o meu avô Brauli-

A morte e o morrer são temas da bioética. O respeito aos mortos é pancultural. Há tréguas em guerras para que os mortos sejam enterrados.

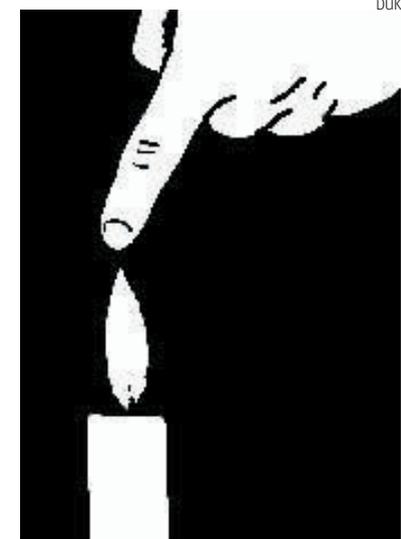
no, que vestia sempre a sua melhor roupa de linho bem engomada para velar uma pessoa amiga. E ele marcava presença nos velórios comigo a tiracolo. Meu marido não entendia porque ele não ia de táxi ou eu não contratava um chofer para ele. Eu respondia que não seria tão “sertão”, com dois significados: o de certo e o do nosso lugar cultural!

Tenho a morte como realidade bem próxima. Quando criança, eu me pelava de medo de gente que morria. Até de anjinhos. Quando passei no vestibular de medicina, uma irmã do meu avô disse: “Como que a Fátima vai ser médica se morre de medo de defunto?”. Apenas uma pálida ideia de quão medrosa eu era. Hoje, enten-

do as razões do meu medo: um contato muito cedo com a morte numa época em que fazer medo com morto – que puxava o pé de criança desobediente – era habitual.

Fui uma estudante de medicina que tinha pavor de defunto, caso não visse a cara de quem estava “num pacote” (nome horrível!). Depois de médica, o medo virou necessidade de saber “quem morreu”, caso contrário eu ficava em busca de um rosto. Não era propriamente mais um medo.

Fiquei órfã de pai aos 10 anos. Perdi uma irmã, Cássia Maria, com uns 2 anos de idade, intoxicada com querosene, pouco tempo após a morte de papai (1963), e em seguida o meu avô paterno também faleceu. O meu marido faleceu de modo trágico num acidente de cavalo quatro dias antes de eu completar 32 anos (1985). Rememorei meus mortos para ter uma vaga ideia do que sentiria ao ver seus rituais fúnebres profanados. Exigiria justiça!



DUKE